

Doctor Who e a representatividade feminina ao longo das gerações

Raquel Fonseca Magalhães

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Resumo

O artigo “*Doctor Who e a representatividade feminina ao longo das gerações*” realiza uma análise da evolução da representação feminina através da geração de espectadores e roteiristas nas produções audiovisuais nos últimos 50 anos, por meio da análise da série de televisão Doctor Who (DOCTOR WHO, 1963). O artigo tem como objetivo compreender qual foi e como foi a mudança na descrição e no desenvolvimento de personagens femininas entre 1963 e 2014. A representação feminina é avaliada através dos testes de Bechdel e de Mako Mori, além de uma avaliação detalhada das personagens regulares, aplicados na 1ª e 34ª temporadas da série. Os resultados obtidos reafirmam a teoria inicial de que houve uma evolução na complexidade e visibilidade das personagens femininas, apesar de ainda haverem falhas e estereótipos com relação à representação das personagens masculinas.

Palavras-chave: feminismo, audiovisual, mulheres, estereótipos, Bechdel.

Introdução

No meu conceito de construção de enredo, sempre me pareceu adequado que os personagens secundários não tivessem o mesmo desenvolvimento e tridimensionalidade que os protagonistas. Não sendo estes o foco da trama, não havia razão para o desenvolvimento de uma história de fundo própria ou uma tridimensionalidade que aumentasse a trama. Porém, através de uma observação mais minuciosa dos enredos que os produtos audiovisuais comerciais apresentavam, foi possível notar um padrão em que é muito comum, e muito incentivado, que o enredo gire em torno de um personagem principal masculino e suas odisséias. Não só a maioria das produções era ocupada por papéis masculinos, como também há uma tendência para que as personagens secundárias femininas recebam menos desenvolvimento do que aqueles masculinos. Logo, tais personagens, quando existentes, acabam sendo pouco desenvolvidas, simples, estereotipadas e/ou sexualizadas. E em uma parcela de tais enredos, a coadjuvante do protagonista é uma mulher que não tem outra função senão enaltecer os feitos ou ajudar na trajetória do mesmo, generalizando que a função das mulheres é de assistir aos homens de suas vidas realizarem todos os atos heróicos e salvá-las.

Tal tipo de enredo, que predomina no cinema e na televisão, passa a mensagem para o público jovem de que o homem é o centro do enredo, não permitindo que o público jovem feminino se identifique como protagonistas de sua própria história, e reforçando o estigma social de que o papel feminino é o de servidão do homem.

Geena Davis, atriz e grande nome na luta pela igualdade de gêneros em Hollywood, sintetiza tal situação em seu discurso para o congresso Women's Empowerment Principles Annual:

What are we saying to kids when the female characters are hyper-sexualised, narrowly stereotyped or not even there? The message clearly is girls are not as important as boys, women are not as important as men and they take this all in completely unconsciously. (...)

Popular media is constantly hammering home the message that women and girls are second-class citizens. All the efforts that we put in to try and erase it, all the important things that we must do to empower women and girls, are being undermined by this unconscious message that women and girls aren't as valuable as men. (O'CONOR, 2015)

Ainda com relação à escassa representação feminina e seu efeito no público jovem:

What message are we giving those impressionable minds about women? And how might we be cutting the ambitions of little girls short before they've even had the chance to develop properly? (BRAND, 2013)

Como uma forma de combater a subrepresentação feminina das telas, surgiu em 1985 o termo “Teste de Bechdel”. Levando o nome da cartunista Allison Bechdel, o teste se baseia em uma cena de uma das histórias em quadrinhos de Alison (BECHDEL, 2005) em que a protagonista explica que só assiste a filmes que cumpram os 3 requisitos de sua regra, sendo esses:

- 1 Que haja duas mulheres na trama
- 2 Que conversem entre si
- 3 Sobre algo que não seja um homem

Tal regra surge como uma sátira à indústria cinematográfica, porém se disseminou como um fenômeno cinematográfico que desmascara a desigualdade entre gêneros que permeia o cinema e a televisão internacionais. Nikki Baughan, editora da revista MovieScope, defende a importância da aplicação do teste nas produções audiovisuais:

The Bechdel test acts as a magnifying glass; by breaking down a film in these simple terms, it draws attention to the shocking gender disparity that exists in the majority of cinematic narratives. The Bechdel test isn't intended as a mark of quality, rather of gender diversity within a narrative. (MCGUINNESS, 2013)

Porém, recentemente, o grande número de filmes que falha no teste de Bechdel levou ao questionamento do seu uso como única ferramenta de julgamento e da contemporaneidade do teste para os filmes atuais. Com a estreia do filme Pacific Rim (PACIFIC RIM, 2013), que falhou completamente nos três quesitos porém foi altamente aclamado pelo público feminino, sugeriu-se outro teste, a ser usado concomitantemente com o teste de Bechdel, que apontasse a desigualdade de gêneros e empoderamento positivo de mulheres: o teste Mako Mori. Em homenagem à piloto de Jaegers de Pacific Rim de mesmo nome, o termo apareceu pela primeira vez na publicação do usuário “chaila” através da plataforma Tumblr, onde ela aponta:

The Mako Mori test is passed if the movie has: a) at least one female character; b) Who gets her own narrative arc; c) that is not about supporting a man's story. I think this is about as indicative of “feminism” (that is, minimally indicative, a pretty low bar) as the Bechdel test. It is a pretty basic

test for the representation of women, as is the Bechdel test. It does not make a movie automatically feminist.(CHAILA,2013)

A proposta de um novo método de julgamento aponta que o anterior tem suas falhas e é inadequado ao contexto atual, denunciando uma evolução, ou um regresso, na caracterização de personagens femininas.

Logo, à luz do conhecimento já existente sobre o tema e de ambos testes de Bechdel e Mako Mori, decidi pesquisar acerca da representação feminina nas produções audiovisuais, a fim de entender qual foi e como foi a mudança na descrição e no desenvolvimento de personagens femininas.

Devido à pequena amplitude que essa pesquisa me permite, decidi simplificar o objeto de estudo e focar no âmbito das séries de televisão. Para avaliar uma tendência ao longo de um período acima de 5 anos, tempo médio para o desenvolvimento completo de uma série, decidi utilizar a série televisiva “Doctor Who” (DOCTOR WHO, 1963) que está em exibição há mais de 50 anos.

Levando em conta sua longa permanência na televisão e sucesso públicos de diferentes idades, tal série é uma ótima representante do efeito que a representação feminina pode ter sobre gerações diferentes. O contraste entre as assistentes do Doutor na década de 1960 e as assistentes atuais, anos 2000, permitirá analisar nitidamente as tendências na representação desse tipo de personagem, gerando uma base para a pesquisa. Tal obra será analisada de forma atenciosa de modo a comparar o tratamento de profundidade dado aos personagens femininos e àquele dado aos personagens masculinos.

Logo, através desta pesquisa, procurei avaliar a representação feminina na produção audiovisual por meio do estudo da série para a televisão Doctor Who (DOCTOR WHO, 1963). Tendo essa série mais de 50 anos, ela poderá representar, dentro do âmbito das séries televisivas, a evolução da representação feminina através da geração de espectadores e roteiristas. Ao assistir 2 temporadas da série, respectivamente 1ª e 3ª, procurei avaliar os episódios através dos testes de Bechdel e Mako Mori, a fim de responder as seguintes perguntas: como se dá a representação de personagens femininas na série? Ocorreu uma evolução na tridimensionalidade da representação feminina? Se sim, ela se aproxima mais do que propõe o teste de Bechdel (interação feminina não centralizada na figura masculina) ou de Mako Mori (desenvolvimento individual da personagem feminina)?

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, tive como objetivos:

- Entender, através da bibliografia já existente a respeito do assunto, como ocorra representação de personagens femininas nas produções audiovisuais;
- Analisar como as personagens femininas em Doctor Who são construídas (sua complexidade, tridimensionalidade, se há uma história por trás dela, se há estereótipos), como elas se comportam e qual a importância que lhes é dada no desenrolar do enredo, à luz do Teste de Bechdel e Teste Mako Mori, analisando o conteúdo dos diálogos e quantos episódios passam nos testes;
- Verificar se houve uma mudança nas tendências da representação feminina na série, através da comparação das duas temporadas;

- Responder às perguntas propostas neste projeto a respeito do objeto de pesquisa através de uma conclusão;

Método

A pesquisa realizada tem caráter qualitativo e quantitativo, documental e bibliográfico, no qual assisti 24 episódios na íntegra para determinar o que foi descrito acima, e fiz a análise da bibliografia já existente no assunto.

Pesquisei material bibliográfico, na internet, em documentários e nos livros, procurando informações acerca da teoria feminista e sua luta pela representação nas mídias audiovisuais, além de pesquisas já realizadas sobre meu objeto de estudo. EM seguida, assisti a 24 episódios disponíveis na internet (12 da 1ª temporada que ainda se encontram disponíveis no website DailyMotion e os 12 da 3ª que se encontram disponíveis na plataforma de conteúdo televisivo Netflix). Assisti a todos os episódios com extremo cuidado, tomando notas a respeito de cada personagem feminina presente e qual o conteúdo discutido entre elas, dados referentes ao teste de Bechdel, para ao fim calcular a porcentagem de episódios de cada temporada que passa no teste. Além disso, notei se tais personagens possuem uma história de fundo própria, que não seja focada no personagem principal (o Doutor), dados referentes ao teste Mako Mori. Em segundo plano, notei o nível de complexidade e profundidade do desenvolvimento das personagens, se há uso excessivo de estereótipos, como as personagens se comportam, e a importância que lhes é dada para o desenrolar do enredo. Através destes dados, pude determinar qual a tendência e qualidade da representação feminina na série em ambos momentos (1963 e 2014). Devido à origem antiga da série, assisti apenas a 12 episódios da 1ª temporada disponíveis na internet, já que vários episódios transmitidos originalmente em 1963 se encontram desaparecidos. A falta de tais episódios não deve influenciar o resultado, uma vez que o objetivo é determinar a fração de episódios que passam nos testes e seu conteúdo, e já que a outra temporada também apresenta apenas 12 episódios.

A partir de minhas notas, comparei os resultados obtidos das duas temporadas entre si, a fim de determinar se houve uma evolução na representação da mulher, e se sim, como esta se deu. Através de meu conhecimento, do obtido na primeira etapa da pesquisa e daquele obtido no item anterior, pude determinar com clareza e objetividade a evolução da representação dos personagens femininos. Pude, por fim, desenvolver e concluir o artigo através das informações obtidas nos itens anteriores, procurando responder às questões acerca do assunto levantadas inicialmente.

Resultado

Seguem a seguir os resultados obtidos a partir da primeira temporada da série, de 1963:

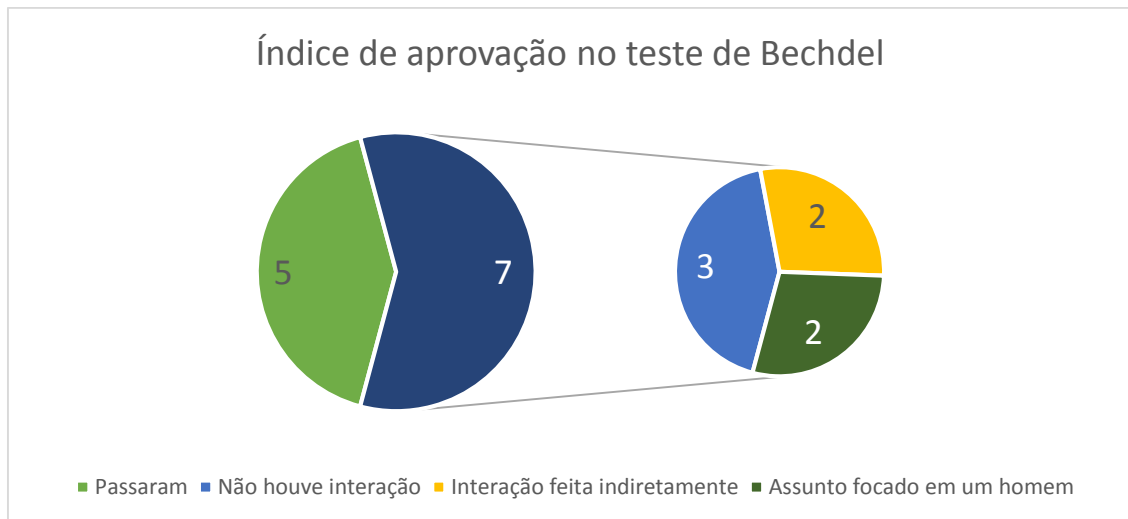


Figura 1: Gráfico do índice de aprovação dos episódios da temporada de 1963 no teste de Bechdel

Como aponta a Figura 1, apenas cinco dos episódios foi completamente aprovado no teste, assim, teve ao menos duas personagens femininas que conversaram entre si sobre um assunto que não focasse apenas em um homem. Também está explicitado na Figura 1 o motivo pela falha dos episódios, sendo três deles devido à falta de interação entre as personagens, dois devido à interação feita através de um homem (por exemplo, em uma conversa de grupo, as mulheres se dirigem ao Doutor ou ao personagem masculino ao invés de interagirem diretamente com a outra mulher) e dois devido ao foco das conversas ser um homem.

Tais dados, quando analisados se tornam alarmantes devido a duas razões principais. Uma delas é o fato de, apesar de duas personagens regulares da temporada serem mulheres (Barbara Wright e Susan Foreman), ainda há episódios em que não há qualquer comunicação entre elas. Ao mesmo tempo, quando há a possibilidade de interação entre tais personagens durante o episódio, tal é feita por intermédio de um homem (como mostra o item “interação feita indiretamente”). Tal ocorrência indica que o personagem principal ou o personagem masculino presente tomam a rédea das discussões, ou ainda que quando um homem está presente dá-se a preferência de se dirigir a ele ao invés de outra personagem feminina, estigmatizando o patriarcado e o poder da figura masculina.

A fim de expandir o estudo da representação feminina para além do teste de Bechdel, foi analisada a recorrência de assuntos ao longo dos episódios, obtendo os dados presentes na Figura 2:

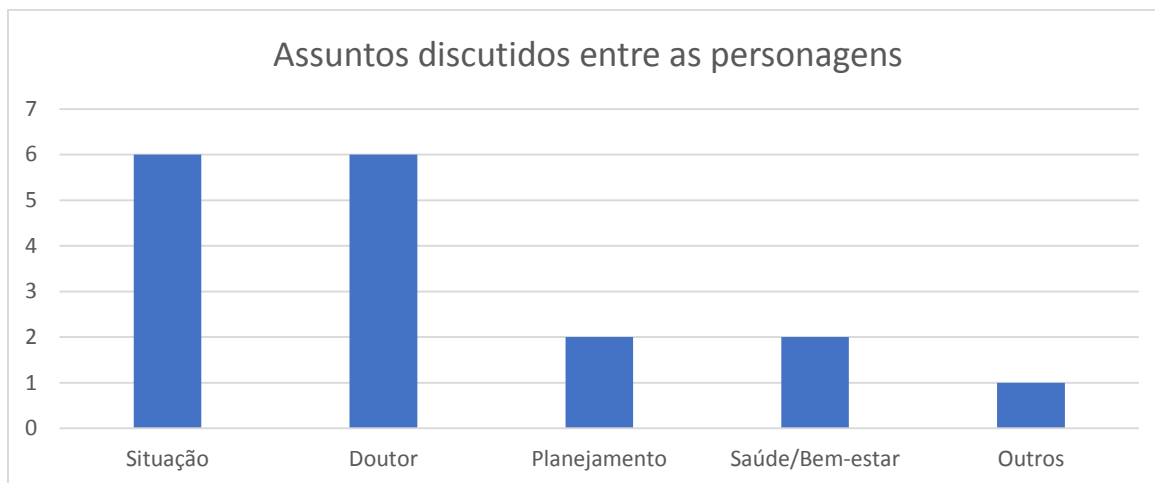


Figura 2: Gráfico dos assuntos discutidos entre as personagens femininas na temporada de 1963

Como mostra a Figura 2, os assuntos mais discutidos entre as personagens femininas é o Doutor (personagem principal masculino) e a situação em que se encontram (as duas conversam sobre o que está ocorrendo/o que ocorreu). Em menor proporção, são discutidos o planejamento do que há de ser feito ou a saúde e o bem-estar de outros personagens. Em uma análise mais detalhada dos episódios, pude notar que a incidência de conversas focadas no planejamento e decisões lógicas era muito maior quando entre personagens masculinos, enquanto conversas a respeito da saúde ou bem-estar ocorriam, na maior parte dos episódios, apenas entre personagens femininas.

A falta de variedade dos assuntos discutidos e o foco no estereótipo da mulher como cuidadora/zeladora da saúde ou bem-estar alheio dão um caráter pouco igualitário e muito estereotipado para as personagens femininas da série durante essa temporada. Por outro lado, dado a época em que tal temporada foi divulgada, não era de se esperar outro resultado, por mais inovadora que seja esta série.

Em seguida, analisei a 34ª temporada, realizada em 2014, e os dados se encontram a seguir:

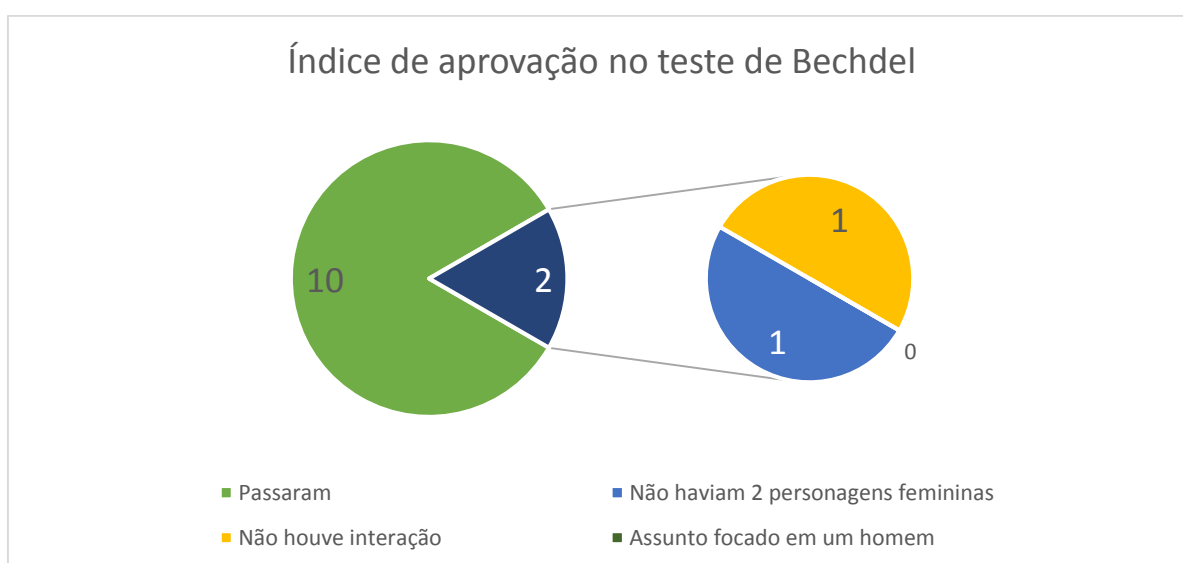


Figura 3: Gráfico do índice de aprovação dos episódios da temporada de 2014 no teste de Bechdel

Como mostra a Figura 3, a temporada atual teve um índice de aprovação muito melhor do que a primeira, desta forma, dez dos episódios apresentava ao menos duas personagens femininas que interagiam entre si, discutindo algo além de uma figura masculina. E enquanto na primeira temporada os episódios não eram aprovados apesar de terem duas personagens femininas, nessa temporada a falha dos episódios se dá principalmente pela falta de outra personagem feminina para contracenar com Clara Oswald (personagem feminina regular) devido ao foco do enredo do episódio, que muitas vezes não permite a criação de muitos personagens secundários novos. Ainda assim, a principal razão para a maior aprovação dos episódios é justamente o fato de haver um número maior de personagens femininas nos episódios: quando são apresentados novos personagens, elencados apenas para o enredo daquele episódio, na maioria das vezes há uma personagem feminina entre eles, que interage intensamente com Clara, ao contrário do que ocorria na 1ª temporada em que a maioria dos personagens eram masculinos e as únicas mulheres eram Barbara e Susan.

Além disso, um estudo acerca dos assuntos discutidos revela uma melhoria na representação feminina e a quebra de alguns estereótipos:

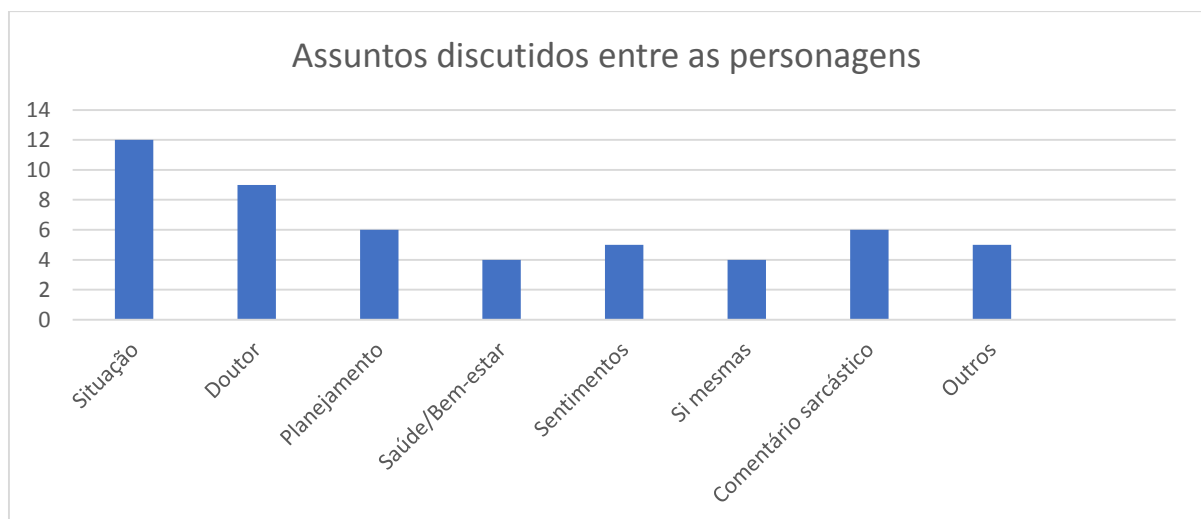


Figura 4: Gráfico dos assuntos discutidos entre as personagens femininas na temporada de 2014

A Figura 4 exhibe os assuntos distribuídos mais homogeneamente do que na outra temporada, tendo ainda predominância nos assuntos “Doutor” e “Situação” devido ao caráter da série de aventura (em que as personagens discutem constantemente o que está ocorrendo), e seu enredo focado no Doutor e sua personalidade singular. A maior variedade de assuntos indica não só a quebra do estereótipo da mulher como cuidadora e ser pouco lógico, como também uma maior incidência de discussões diretas entre as personagens femininas, reforçada pelo maior número de incidências analisadas: se somarmos todas as incidências de todos assuntos, serão 51 conversas na 34ª temporada (Figura 4) contra 17 (Figura 2) na 1ª temporada. Além disso, há um aumento na incidência de discussões acerca do planejamento lógico entre as personagens femininas, indicando um desenvolvimento na representação da mulher como igualmente racional e capaz ao homem.

Assim, o aumento da gama de assuntos discutidos e um maior número de

interações entre as mulheres indicam um avanço ao garantir mais espaço, maior visibilidade e mais autonomia para as personagens femininas.

Vale ressaltar que o teste de Bechdel não é um indicador de feminismo: uma produção audiovisual pode ser feminista e não passar no teste de Bechdel, assim como pode passar e ter características extremamente machistas/misóginas. O teste foi criado para analisar tendências, como propõe este artigo. Além disso, esse estudo permite apenas a comparação de tendências entre a temporada de 1963 e a de 2014, não aprofundando nas outras 32 temporadas e suas personagens femininas individualmente.

Rebecca Moore fez uma pesquisa semelhante a essa, focando em temporadas e objetivos diferentes, e durante seus estudos encontrou falhas como as descritas acima, e explica em sua publicação:

Yes, there may be outlier episodes where it's only the companion and The Doctor, and Will there for not pass the Bechdel test, but this research allows us to see where the overall show is going. Writing a woman Who doesn't talk as much is fine, but when it becomes an overall trend to have all of the female characters failing the Bechdel Test and not speaking, that is when it becomes a problem. If you truly were writing a diverse group of women, those outliers wouldn't matter. (MOORE, 2014)

Além do teste de Bechdel, analisei os episódios também do ponto de vista do teste Mako Mori, para verificar se as personagens representadas tinham qualquer individualidade que não envolvesse um personagem masculino.

Ao avaliar a temporada de 1963, em nenhum momento é mencionado o passado de qualquer uma das personagens femininas. No caso das personagens regulares, Barbara Wright e Susan Foreman, só é possível entender pelo contexto do episódio piloto que Barbara é uma professora e Susan é neta do Doutor. Ao longo dos episódios, as únicas menções que são feitas ao passado das personagens envolvem os outros dois personagens regulares: Ian (colega de Barbara) e o Doutor. Logo, essa temporada falha no teste de Mako Mori ao não tratar da individualidade das personagens.

Por outro lado, durante a 34ª temporada, são feitas diversas menções ao passado de Clara, como sua infância, quem foram seus pais, como ela conheceu o Doutor, além da personagem ter uma vida completamente paralela e independente às suas aventuras com o Doutor. A representação de Clara apresenta uma autonomia muito maior com relação à figura masculina do Doutor, sendo ele mais um amigo do que o protagonista de sua história. Tal representação é um grande avanço quando comparado com a primeira temporada: não só Clara tem a liberdade de ir e vir, algo que Barbara não tinha, como Clara é livre para tomar suas próprias decisões. Ao longo da temporada, muitas vezes ela enfrenta o Doutor e questiona seus métodos ou decisões, enquanto ele também lhe dá liberdade de escolher o que é melhor para si, ao contrário da outra temporada em que as decisões e opiniões do Doutor eram a palavra final e Barbara e Susan deveriam apenas obedecer. Quebra-se, então, outro estereótipo de mulher como submissa, deixando a mulher mais próxima de um grau de igualdade ao homem ao lhe garantir autonomia e liberdade.

Por fim, a representação feminina foi avaliada em um terceiro âmbito, analisando as personagens individualmente. A primeira personagem a aparecer, Barbara

Wright, é a professora de História de Susan. Ao longo da temporada, ela é caracterizada como calma, otimista, contida, e generosa, com um tom maternal. Durante as poucas conversas que participa, ela faz raciocínios lógicos, mas são poucos quando comparados ao elenco masculino. Em alguns episódios, ela se mostra corajosa, porém, como será analisado mais para frente, há sempre alguma dependência do Doutor.

Já Susan Foreman, adolescente aluna de Barbara e neta do Doutor, é retratada como ingênua (apesar de ter grande conhecimento sobre determinados assuntos), alegre e muito dramática, beirando a histeria. Muitas vezes, devido a seu espírito vivaz, ela faz decisões impulsivas, algumas delas bem sucedidas; mas raramente suas decisões são baseadas na racionalidade. Ela parece muitas vezes à mercê de seus sentimentos, estando constantemente com medo, gritando ou chorando.

Ambas personagens, ao longo da temporada, apresentam constante dependência da ajuda do Doutor, principalmente Susan, se encaixando no perfil de “Damsel in Distress”:

As a trope the Damsel in Distress is a plot device in which a female character is placed in a perilous situation from which she cannot escape on her own and must then be rescued by a male character, usually providing a core incentive or motivation for the protagonist's quest. (SARKEESIAN, 2013)

Apesar de não se tratar de um estereótipo feminino propriamente, mas sim de um tipo de enredo, o uso excessivo desse artifício é negativo para a representação feminina em uma narrativa:

The Damsel in Distress trope disempowers female characters and robs them of the chance to be heroes in their own rite. (SARKEESIAN, 2013).

Logo, mesmo que Barbara seja caracterizada como corajosa, e mesmo que Susan seja inteligente, o fato de elas não conseguirem se salvar em diversas ocasiões ao longo da temporada as diminui a meras ferramentas para o desenvolvimento da trama do personagem principal.

Por outro lado, Clara Oswald na 34ª temporada, professora de uma escola inglesa, consegue (ou ao menos tenta) conciliar sua vida cotidiana e suas aventuras com o Doutor, sendo retratada como independente, resoluto. Durante as viagens pelo tempo e espaço, se mostra muito corajosa e inteligente, tendo respostas rápidas para o problema, além de objetiva e dedicada. Em outras ocasiões, é retratada também como altruísta, leal, e sensível. Clara tem uma personalidade forte, sendo por muitas vezes teimosa e autoritária, mas do ponto de vista de uma personagem feminina, isso é extremamente positivo pois permite que ela exija seu espaço nas discussões e que sua opinião seja ouvida, elevando-se a um patamar de igualdade com os personagens masculinos. Por muitas vezes ela discorda ou questiona do Doutor, e ignora as decisões dele para tomar suas próprias, sendo muito mais independente do que Barbara ou Susan. No primeiro episódio da 34ª temporada o Doutor a define de maneira humorística como “egomaniaca, carente e manipuladora”, mas em seguida mostra seu carinho por ela ao dizer que ela não deve mudar.

A crítica feita por alguns acerca da personagem de Clara é quase oposta às da 1ª

temporada: seu perfil é definido como “Manic Pixie Dream Girl”. O termo foi criado por Nathan Rabin (RABIN, 2007) e é retomado na análise do usuário “whovianfeminism” (ALYSSA, 2013).

The Manic Pixie Dream Girl Trope describes a plotline in which a woman drops into a man’s life suddenly, full of life and bursting with adorable quirks, and lifts him up out of his doom and gloom lifestyle and teaches him how to live again. They go on crazy adventures, do crazy things, and the girl takes our hero on a journey of self-discovery, usually without any character growth of her own. (ALYSSA, 2013)

The Manic Pixie Dream Girl exists solely in the fevered imaginations of sensitive writer-directors to teach broodingly soulful young men to embrace life and its infinite mysteries and adventures. (RABIN, 2007)

O clichê da Manic Pixie Dream Girl é extremamente negativo para a representação feminina nos enredos (tanto audiovisuais quanto literários) como explica o vídeo da usuária “feministfrequency”, Anita Sarkeesian:

The Manic Pixie perpetuates the myth of women as caregivers at our very core, that we can go “fix” these lonely sad men, so that they can go “fix the world”. (...) Women are not here for men’s inspiration or celebration or whatever else. We are musicians and artists and writers with our own brilliant and creative endeavors. (SARKEESIAN, 2011)

Clara Oswald pode ser entendida como uma Manic Pixie Dream Girl devido à sua vivacidade e ao modo como apareceu na vida do Doutor (na temporada anterior) mas discordo do ponto de vista de Alyssa devido à existência de uma vida de Clara paralela às viagens com o Doutor (pelo menos na 34ª temporada). Clara não vive em função do Doutor, como faria uma Manic Pixie Dream Girl, que só aparece na trama para apoiar o personagem principal sem mencionar sua própria vida. Por muitas vezes a temporada se volta para ela, e é ele que aparece como um auxílio na vida dela.

No geral, foi possível perceber uma grande mudança na representação das personagens femininas. Além da variedade de assuntos entre uma temporada e outra, e o avanço na tridimensionalidade das personagens regulares, pude notar uma maior diversidade de personagens retratadas através dos seus respectivos empregos. Enquanto na 1ª temporada poucas mulheres apareciam, e quando apareciam estavam ligadas aos seus maridos/companheiros, na 34ª as personagens femininas variavam de astronautas, cientistas e policiais, a criadas, socialites, etc. Apesar de ambas personagens regulares (Barbara e Clara) serem professoras (profissão estereotipicamente feminina), o retrato de mulheres em outros campos prestigiados (e dominados pelo gênero masculino), como a ciência, é extremamente positivo quando um público jovem é abordado, como é o caso da série Doctor Who. Além disso, a variedade de estilos de vida e empregos abordados nessa temporada facilitam a identificação desse público com as personagens retratadas.

Considerações finais

Por fim, creio que atingi todos os objetivos propostos e respondi a todas as perguntas feitas ao início deste artigo. Através das análises feitas no item anterior, foi possível avaliar como se dá a representação de personagens femininas em Doctor Who e concluir que houve um grande avanço na representação de personagens femininas, uma vez que foi possível notar um aumento na diversidade de personagens criadas, além de um desenvolvimento na tridimensionalidade das personagens individualmente. Tal evolução se aproxima de ambas correntes do teste de Bechdel e Mako Mori, uma vez que a maior variedade de personagens e maior representação feminina geram mais interações entre as personagens (favorecendo o teste de Bechdel), e que a personagem de Clara foi um exemplo de como há independência da figura masculina durante o desenvolvimento das personagens (favorecendo o teste de Mako Mori). Considerando a abrangência internacional e que atravessa gerações que Doctor Who possui, tal evolução através da maior independência e força das personagens retratadas reflete a mudança de mentalidade que ocorreu tanto no público espectador quanto nos roteiristas ao longo desses 50 anos, mostrando possivelmente uma mudança de perspectiva das mulheres retratadas nas produções audiovisuais como um todo. Além disso, a representação feminina em uma série grande como esta através de um personagem regular (como são as ‘companions’ Barbara, Susan e Clara) é essencial pois:

Why does it matter what characters are included and how those characters are treated as long as Doctor Who is a good show? The primary companion of late, and thus the point of identification for the audience, is a woman. And if the character that the audience is supposed to identify with is in the end shafted, marginalized, and made to be unimportant or powerless, that is a serious problem for every member of the audience, male and female. It is a serious problem for the show. (KOROSKI, 2013)

Creio que esse estudo infelizmente reflete apenas uma pequena parte do campo das produções audiovisuais e seus problemas de representação, devido ao curto tempo e à análise de apenas uma produção audiovisual, mas ele pode ser ampliado para outras áreas no futuro. Ao longo do seu desenvolvimento, surgiram novos questionamentos, como o uso de outros estereótipos nas personagens femininas (como as “femme fatales”, ou personagens que sejam puramente interesses românticos), a falta de representatividade de outras classes, raças, gêneros e sexualidades, ou a análise específica do papel das companions na série (e se isso projeta em outras produções audiovisuais como um clichê). É possível continuar o desenvolvimento dessa pesquisa explorando tais temas, seja dentro de Doctor Who fazendo novas releituras dos episódios e pesquisando mais da bibliografia já existente, seja em outras produções audiovisuais, analisando e comparando-as entre si.

Referências

ALYSSA. *Doctor Who vs. The Manic Pixie Dream Girl Trope*. 2013. Disponível em: <<http://whovianfeminism.tumblr.com/post/44720945211/doctor-who-vs-the-manic-pixie-dream-girl-trope>>. Acesso em: 02 maio 15.

BECHDEL, Alison. *The Rule*. 2005. Disponível em:

<<https://www.flickr.com/photos/zizyphus/34585797/>>. Acesso em: 28 mar. 2015.

BRAND, Rebecca. *'If she can't see it, she can't be it': why media representation matters*.

2013. Disponível em: <[http://www.theguardian.com/women-in-](http://www.theguardian.com/women-in-leadership/2013/nov/12/media-representation-matters)

[leadership/2013/nov/12/media-representation-matters](http://www.theguardian.com/women-in-leadership/2013/nov/12/media-representation-matters)>. Acesso em: 28 mar. 2015.

CHAILA. *The Mako Mori Test*. 2013. Disponível em:

<<http://chaila.tumblr.com/post/58379322134/spider-xan-also-i-was-thinking-more-about-why>>.

Acesso em: 28 mar. 2015.

DOCTOR Who. Reino Unido: BBCOne, 1963-2014. Disponível em:

<<http://www.dailymotion.com/br/relevance/universal/search/doctor+who/1>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

KOROSKI, Laura. *Exterminate Misogyny: Where are the Feminist Doctor Who Companions?*

Disponível em: <<http://feminspire.com/extermine-misogyny-where-are-the-feminist-doctor-who-companions/>>. Acesso em: 2 maio 2015.

MCGUINNESS, Ross. *The Bechdel test and why Hollywood is a man's, man's, man's world*.

2013. Disponível em: <<http://metro.co.uk/2013/07/18/movie-lovers-hit-back-at-hollywood-misogyny-with-the-bechdel-test-3886103/>>. Acesso em: 28 mar. 2015.

MOORE, Rebecca Ann. *Is Doctor Who Sexist?* – Brigham: BYU - Idaho, 2014. Disponível em:

<<http://rebeccaamoore.com/2014/05/29/university-study-on-sexism-in-bbcs-doctor-who-infographic/>>. Acesso em: 02 maio 2015.

O'CONOR, Lottie. *Geena Davis 'I just assumed sexism wasn't present in what we show kids'*: In family rated films and children's television, just one in four speaking

characters are female. 2015. Disponível em: <[http://www.theguardian.com/women-in-](http://www.theguardian.com/women-in-leadership/2015/mar/19/geena-davis--sexism-wasnt-present-in-what-w-show-kids)

[leadership/2015/mar/19/geena-davis--sexism-wasnt-present-in-what-w-show-kids](http://www.theguardian.com/women-in-leadership/2015/mar/19/geena-davis--sexism-wasnt-present-in-what-w-show-kids)>.

Acesso em: 28 mar. 2015.

PACIFIC Rim. Direção de Guillermo del Toro [Filme-vídeo]. Produção de Guillermo

del Toro, Callum Greene, Jon Jashni, Mary Parent. Estados Unidos: Warner Bros., 2013. (132 min.), son., color.

RABIN, Nathan. *The Bataan Death March of Whimsy Case File #1*: Elizabethtown.

2007. Disponível em: <<http://www.avclub.com/article/the-bataan-death-march-of-whimsy-case-file-1-emeli-15577>>. Acesso em: 02 maio 2015.

SARKEESIAN, Anita. *Tropes vs. Women: #1 The ManicPixie Dream Girl*. 2011.

Disponível em: <<http://feministfrequency.com/2011/03/24/tropes-vs-women-1-the-manic-pixie-dream-girl/>>. Acesso em: 02 maio 15.

SARKEESIAN, Anita. *Damsel in Distress (Part 1) Tropes vs Women*. 2013. Disponível

em: <<http://feministfrequency.com/2013/03/07/damsel-in-distress-part-1/>>. Acesso em: 02 maio 2015.